

## **POLÊMICA DISCURSIVA E INTERTEXTUALIDADE: EM PAUTA O COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS NA REDE SOCIAL**

Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo analisar uma polêmica discursiva que se instaurou em torno do “compartilhamento” de uma notícia da *Folha de S. Paulo*, sobre o apoio do movimento “Vem pra rua” ao “Fora Dilma!”, em uma página pública do *Facebook*, a partir do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa. Nessa análise, verificamos o funcionamento dos planos da discursividade da intertextualidade e do *ethos*. Além disso, constatamos a “presença” de três posicionamentos distintos no embate sobre o *impeachment*. Para proceder à análise, foram mobilizados os conceitos de semântica global dos discursos, polêmica discursiva, intertextualidade e *ethos*, conceitos com que trabalha D. Maingueneau.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso, polêmica discursiva, intertextualidade, *ethos*, *Facebook*.

### **Abstract**

This article aims to analyze a discursive controversy which has been established around the "sharing" of a news from *Folha de S. Paulo*, about the support of the movement "Vem pra rua" to "Fora Dilma!", in a public page on *Facebook*, using the theoretical and methodological framework of the Analysis of Discourse in French line of research. In this analysis, we verify the functioning of the plans of the discourse: intertextuality and *ethos*. In addition, we found the "presence" of three different positions about the impeachment. To perform the analysis, were mobilized concepts like global semantics of discourse, discursive controversy, intertextuality and *ethos*, which are used by D. Maingueneau.

**Key-words:** Discourse Analysis, discursive controversy, intertextuality, *ethos*, *Facebook*.

### **Introdução**

A rede social tem se mostrado um lugar privilegiado para que sujeitos de diferentes posicionamentos debatam sobre os mais variados assuntos. Prova disso é que em inúmeros “posts”, das milhares de páginas do *Facebook*, notícias de outras mídias são postas a circular sob a forma de “compartilhamentos”.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras português/espanhol pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Suas pesquisas relacionam texto, discurso e internet.

Numa dessas páginas, que ganhou mais seguidores/repercussão após os “posts” relativos às manifestações de maio e junho de 2013, a *Anonymous Brasil*, constatamos, a partir de um “compartilhamento” de uma notícia da *Folha de S. Paulo* na página em questão, uma polêmica em torno do apoio do movimento “Vem pra rua” ao movimento “Fora Dilma!”.

Com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha Francesa, a AD, analisaremos, neste trabalho, os efeitos de sentido produzidos a partir do “compartilhamento” dessa notícia da *Folha de S. Paulo* na página pública do *Anonymous Brasil* no *Facebook*.

Nessa análise, propomo-nos a compreender como textos de outras mídias são postos a circular na rede social e como são recebidos pelos sujeitos que acessam as páginas em que esses textos são “compartilhados”. Para tal, observaremos como a notícia e os comentários que a publicação recebe de outros usuários da rede são introduzidos pelo *Anonymous Brasil*.

A notícia que é objeto de nossa análise trata do apoio do movimento “Vem pra rua” ao “Fora Dilma”, que surgiu no início do ano de 2015 como resposta de alguns brasileiros à reeleição da presidente Dilma Rousseff. Nossa hipótese é que a discussão entre os interlocutores da página engendra três posicionamentos: um que defende o *impeachment* da presidente, outro que se opõe à ideia de *impeachment*, e outro que defende uma reforma política sem, necessariamente, atribuir à Dilma Rousseff todos os problemas de corrupção do Brasil.

Para procedermos à análise, serão mobilizados os conceitos de semântica global, simulacro, polêmica discursiva e *ethos*, postulados por D. Maingueneau.

### **Pressupostos teóricos**

Neste trabalho levaremos em conta algumas postulações de D. Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008). Em primeiro lugar, voltamo-nos para a noção de interdiscurso que é definida pelo autor, *grosso modo*, como a(s) relação(ões) de um discurso com seu Outro.

De acordo com o analista, são as relações de troca entre vários discursos que podem nortear a análise daquilo que pode ou não ser dito do interior de uma *formação*

*discursiva* (FD)<sup>2</sup>, já que o interdiscurso, ainda de acordo com o autor, precede o discurso.

Para Maingueneau (2008, p. 37), o Outro não está para o Mesmo discurso como efeito de uma constituição autocentrada e externa, mas está “na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio”. Ou seja, o Outro faz parte da constituição própria do discurso do Mesmo. Ainda de acordo com o autor, o Outro é lido pelo Mesmo sempre como o avesso de si, sempre como um simulacro.

Para explicar o funcionamento das relações interdiscursivas, Maingueneau (2008) postula que o interdiscurso pode ser “apreendido” no interior das categorias de *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. De acordo com o autor, é no universo discursivo que se encontra o número finito (embora impossível de ser apreendido em totalidade) das formações discursivas e é ele que define uma extensão máxima que norteia os domínios que podem ser estudados: os campos discursivos.

De acordo com Maingueneau, a noção de campo discursivo é definida como um conjunto de FD que tem a mesma função social, embora estejam sempre numa relação de concorrência. O autor ressalva que essa “concorrência” deve ser pensada como as formações discursivas delimitando a si e às outras mutuamente dentro de um campo, em relação de confronto, neutralidade aparente, aliança, etc.

Além disso, como postula Maingueneau, é no interior de um campo discursivo que um analista pode recortar os espaços discursivos em que as FD serão postas em relação, de acordo com o propósito investigativo que tal analista assuma. Ao estudar a polêmica, Maingueneau (2008, p. 99) postula que o espaço discursivo, quando considerado como rede de interação semântica, é definidor de “um processo de *interincompreensão* generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas”.

É por efeito dessa interincompreensão que um discurso introduz o Outro com base nas categorias do Mesmo, sempre sob a forma de simulacro (MAINGUENEAU, 2008). Isto é, a partir de seu próprio sistema de restrições, o Mesmo reivindica para si os semas positivos e atribui a seu Outro os semas negativos do discurso. Segundo Maingueneau, o simulacro pode ser entendido como uma tradução do Outro com base no Mesmo, uma vez que é fruto do confronto de posicionamentos discursivos distintos,

---

<sup>2</sup> Assumimos neste trabalho a noção de formação discursiva como equivalente à noção de posicionamento, à maneira do quadro teórico-metodológico apresentado em *Gênese dos discursos* (2008).

próprio da natureza da polêmica. Essa noção de polêmica discursiva é também tratada pelo autor em outro texto, em que ele a considera como um tipo de registro.

Em *As três facetas do polêmico*, Maingueneau (2010, p. 187) postula que o polêmico, assim como o épico ou o fantástico, é um registro e que nisso não há nada de extraordinário, já que o termo “registro” em um sentido mais abrangente pode “designar qualquer conjunto de traços linguísticos regularmente associados em um discurso, mas que não se caracterizam por ocorrerem em um único gênero”. O autor levanta um postulado de Halliday (1978, *apud* MAINGUENEAU, 2010) em que o registro é, em linhas bastante gerais, definido como escolhas linguísticas que se faz frente a determinadas situações de comunicação.

Para explicar a noção de registro, Maingueneau distingue três tipos: os registros linguísticos, os funcionais e os comunicacionais. Segundo o analista, os registros linguísticos são as sequências de um texto ou as marcas linguísticas que se pode observar nele; para o autor esse tipo de registro é de ordem enunciativa, está associado à estrutura linguística de um enunciado. Já os registros fundados em critérios funcionais estão atrelados às funções de um texto, que pode ser “lúdico, informativo, prescritivo, ritual” (p. 189). Por fim, o especialista distingue os registros comunicacionais que combinam traços linguísticos e funcionais e dessa combinação emerge, por exemplo, o discurso cômico, o discurso didático, etc.

Ainda de acordo com Maingueneau (2010), o polêmico está relacionado a esse terceiro tipo e a ele pode ser associado um “repertório” de traços linguísticos considerados verbalmente violentos. Contudo, o autor deixa claro que, em análise do discurso, o polêmico não pode ser reduzido a uma definição tão vaga.

Para Maingueneau, o termo polêmico abrange apenas os gêneros instituídos. Isso quer dizer que, segundo ele, a polêmica nunca emerge, por exemplo, de uma conversa espontânea já que está além da interação entre sujeitos. Dessa maneira, uma “briga entre bêbados” ou “entre vizinhos” não pode ser considerada uma polêmica, é antes uma discussão, um “bate-boca”. Além disso, Maingueneau deixa claro que as discussões ou os “bate-bocas” podem se findar neles mesmos, enquanto a polêmica se estende cronologicamente e tem três dimensões: enunciativo-pragmática, genérica e semântica.

A primeira delas, a dimensão enunciativo-pragmática, tem como principal característica as marcas linguísticas de “polemicidade” do texto, com as quais o sujeito tenta integrar ou desqualificar seu adversário por meio do discurso. A dimensão

sociogenérica se segue de uma prática que envolve a história, o interdiscurso, um gênero e um suporte. Para Maingueneau (2010), o registro polêmico não apresenta necessariamente uma “preferência” por um gênero ou outro, mas está ligado à condição em que os enunciados são produzidos e postos a circular. Já a dimensão semântica envolve questões da própria identidade do discurso e a construção dessa identidade em diferentes enunciações.

Diferentemente das outras dimensões, para Maingueneau, na dimensão semântica não são as marcas enunciativas ou as práticas discursivas com as quais se constrói um enunciado que garantem o conflito. O polêmico é fruto da própria identidade discursiva e do choque entre identidades discursivas diferentes. A dimensão semântica da polêmica é, dessa forma, relativa à maneira como dois posicionamentos atribuem sentidos ao Outro:

Se se admite que a relação com o outro é constitutiva, segue-se que as modalidades do polêmico variam em função dos posicionamentos concernidos. Alguns posicionamentos são destinados a produzir incessantemente textos polêmicos; outros se esforçam, ao contrário, para evitar os conflitos, mas tanto em um caso como no outro, este traço é parte integrante de sua identidade (MAINGUENEAU, 2010, p. 196).

Dessa perspectiva, para Maingueneau, desloca-se o interesse em conceber “o” polêmico para compreender a identidade dos posicionamentos dos sujeitos em debate, que mutuamente se pressupõem e constroem a polêmica.

Dessa maneira, é possível observarmos que, para o autor, é na dimensão semântica da polêmica, em que as identidades discursivas se confrontam, que o interdiscurso pode ser “apreendido” e observado a partir das categorias de análise que um analista mobiliza.

O sistema de restrições de cada posicionamento envolvido na polêmica define a semântica do discurso. Essa semântica, de acordo com Maingueneau (2008), é de caráter global na medida em que estrutura todos os planos da discursividade, tais como os temas, o modo de coesão dos discursos, o modo de enunciação, o *ethos* e até o próprio vocabulário mobilizado na construção dos discursos. Um desses “planos” da semântica global dos discursos, apresentados por Maingueneau (*op. cit.*), é o da intertextualidade, cujo estudo, assim como o do plano do *ethos*, se torna imperativo para a análise que apresentaremos neste trabalho, já que objetivamos mostrar qual a

“recepção” de uma notícia compartilhada na rede social e qual o *ethos* que emerge de *Anonymous Brasil* em decorrência de tal compartilhamento.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 77), a intertextualidade na semântica de um discurso de tal ou tal posicionamento delimita aquilo que pode ser considerado citável ou não. O autor diferencia o que considera intertexto, “o conjunto de fragmentos que [um discurso] cita efetivamente”, daquilo que considera intertextualidade, a saber, “os tipos de relações textuais que a competência discursiva define como legítimas”.

Para o autor, a noção de intertextualidade tem um duplo funcionamento categorizado como *intertextualidade interna* e *intertextualidade externa*. Ainda de acordo com ele, um mesmo campo discursivo dispõe de uma memória interna que pode ser citada de diferentes maneiras por discursos de um mesmo campo, é o caso da intertextualidade interna.

Em análise em torno da polêmica dos jansenistas e dos humanistas devotos, por exemplo, Maingueneau (2008) observa que, embora ambos os discursos se assumam católicos, o discurso do jansenista, em matéria de Tradição, sempre se volta para textos mais próximos, cronologicamente, ao tempo de Cristo, enquanto que o humanista devoto “aceita” outros textos além daqueles mais próximos do “Ponto-de-origem”. O autor ainda explica que essa condição de “citabilidade” que o discurso jansenista incorpora é autorizada pelo conjunto de restrições “imposto” pela FD de que se origina.

No entanto, de acordo com Maingueneau, é possível observar que um discurso também pode “lidar” com “dados” provenientes da relação com discursos de outros campos, configurando, assim, o que o autor chama de intertextualidade externa. Neste caso, tomamos como exemplo a análise que o estudioso faz em torno da “citabilidade” do Naturalismo e de autores pagãos no discurso humanista, que não são introduzidos como avessos à verdade cristã, mas como uma forma de “Ordem” diversificada no interior do posicionamento do humanista devoto em torno da polêmica de “cristandade” instaurada entre eles e os jansenistas. No caso do jansenista, de acordo com Maingueneau, a única intertextualidade “possível” é própria de um *corpus* cristão, rejeitando qualquer referência ao Naturalismo e aos textos pagãos e, assim, não propagando uma “mistura ímpia” dos ensinamentos sagrados.

Em relação à noção de *ethos*, Maingueneau (2013), em *Ethos, cenografia, incorporação*, postula que tal noção permite refletir sobre o processo de adesão dos sujeitos a um certo posicionamento discursivo. Para o autor, esse processo é mais evidente em discursos como o da publicidade e o da política, por exemplo, em contraste

com discursos que se relacionam a gêneros mais funcionais, como os manuais ou os formulários administrativos.

De acordo com o analista, a noção de *ethos* tem importância no quadro teórico-metodológico da AD por manter um “laço” com a reflexividade enunciativa e pela relação entre corpo e discurso que ela implica. Para o autor, o *ethos* é uma instância subjetiva que se manifesta como “voz” e como “corpo enunciante”, historicamente especificado, e que é validado no e pelo discurso progressivamente. Maingueneau ainda postula que, apesar de o *ethos* estar estritamente ligado à enunciação, o público pode construir representações do enunciador antes mesmo que ele fale. Para resolver a problemática em torno dessa noção, o autor propõe uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo; a associação entre esses dois *ethé* constitui o que o autor chama de *ethos* efetivo: “aquele que, pelo discurso, os coenunciadores, em sua diversidade, construirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos” (MAINGUENEAU, 2013, p. 82).

Enunciadores que ocupam a cena midiática, mesmo antes de falar, têm associado a si um *ethos* pré-discursivo que, de acordo com Maingueneau, pode ser firmado ou infirmado no momento em que a enunciação ocorre, é o caso dos políticos, por exemplo. Não obstante, segundo o autor, ainda que não se saiba nada sobre o enunciador, pode-se criar expectativas sobre o *ethos* a partir de um gênero discursivo ao qual o texto pertence ou a partir de um posicionamento concernido. Já o *ethos* discursivo, ainda segundo o autor, diz respeito à representação que o coenunciador faz do enunciador no momento em que a enunciação ocorre.

Maingueneau afirma que, em matéria de *ethos*, todo discurso possui uma vocalidade específica relacionável a uma fonte enunciativa por meio de um tom. Para o autor, é a determinação dessa vocalidade específica que permite determinar o “corpo do enunciador”, que é diferente do corpo do autor efetivo do discurso. Dessa maneira, de acordo com o analista, a leitura faz emergir uma instância subjetiva encarnada que atua como o fiador do discurso. Esse fiador, para Maingueneau, é construído por meio de diversos índices textuais e investido de um “caráter” e de uma “corporalidade” que variam conforme os textos.

Segundo o autor, o caráter é constituído de um conjunto de traços psicológicos, enquanto que a corporalidade é associada a uma “construção” corporal, à forma de se vestir e de se mover no espaço social. Dessa maneira, “o *ethos* implica assim um

controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global” (MAINGUENEAU, 2013, p. 72).

O caráter e a corporalidade do fiador, segundo o analista, apoiam-se sobre um conjunto indefinido de representações sociais valorizadas ou não, sobre estereótipos culturais em que a enunciação se apoia, que são reforçados ou transformados no discurso.

Aparentemente, as relações de intertextualidade, que o compartilhamento da notícia da *Folha de S. Paulo* na página do *Anonymous Brasil* evoca, introduzem dados que podem ser analisados com base na noção de *ethos* proposta por D. Maingueneau e, por essa razão, esse plano da semântica global dos discursos compõe, com a intertextualidade, o enfoque que daremos na análise deste trabalho.

### **Facebook e corpus de análise**

Em *Hipergênero, gênero e internet*, Maingueneau (2010, p.132) afirma que a Web “transforma as condições de comunicação, o que se considera gênero, e a própria noção de textualidade”.

Na rede social *Facebook*, por exemplo, são diversas as ferramentas com que um enunciador pode operar para construir os enunciados que deseja veicular em sua(s) página(s). Uma dessas ferramentas é a de “compartilhar”, que permite ao enunciador publicar na rede social notícias (entre outros tipos de texto) de outras páginas da própria rede ou de outras mídias online por meio de hipertextos<sup>3</sup>.

Para a análise deste trabalho, como já esclarecido, procedemos à coleta de dados em uma página pública, que não impõe, portanto, a nenhum usuário da rede, nenhuma restrição de acesso aos conteúdos publicados. Nessa página coletamos comentários que foram postados em torno da notícia da *Folha de S. Paulo*, compartilhada por *Anonymous Brasil*.

Recolhemos um total de 55 textos, sendo 53 comentários, a notícia da *Folha* e o “compartilhamento”<sup>4</sup>. Para empreendermos a análise, selecionamos os dados que consideramos mais efetivos para responder aos nossos objetivos.

<sup>3</sup> Assumimos a noção de *hipertexto* postulada por Paulino et. al. em *Tipos de textos, modos de leitura*: grosso modo, um conjunto de nós interligados. Os nós são palavras, páginas, notícias, imagens, efeitos sonoros e etc., que se “reportam” a outros nós compondo, com eles, uma rede de hipertextos.

<sup>4</sup> Os exemplos que apresentaremos na seção de análise podem ser acessados na página em que os recolhemos no *Facebook*: <https://www.facebook.com/AnonymousBr4sil?fref=ts> – Acesso em: 04/04/2015. Os comentários, tomados como dados de análise neste texto, serão reproduzidos à maneira



Discurso, intertextualidade e *ethos*: análise de uma polêmica no *Facebook*

Como já salientamos, a notícia que é objeto desta análise e fora compartilhada na página de *Anonymous Brasil*, trata do apoio do movimento “Vem pra rua”, definido pela *Folha* (30/03/2015)<sup>5</sup> como “um dos principais mobilizadores dos atos contra o governo federal”, ao “Fora Dilma”, que surgiu no início deste ano de 2015 como resposta opositiva à reeleição da presidente.

O *software* do *Facebook* permite a seus usuários que se introduza um hipertexto, associando ou não, a ele, um enunciado avaliativo, que pode vir a adiantar informações sobre o posicionamento do usuário em relação ao que está sendo compartilhado. No caso de *Anonymous Brasil*, não se introduz, ao compartilhar a notícia da *Folha*, nenhum enunciado que indicie o posicionamento da página. Essa suposta neutralidade é apenas aparente, uma vez que o compartilhamento de *Anonymous Brasil* gera efeitos de sentido que podem ser explicados com base na noção de intertextualidade.

Essa noção, proposta por Maingueneau (2008), permite observarmos que ao compartilhar a referida notícia, *Anonymous Brasil* passa a considerar esse texto como citável, alinhando-se à posição que emerge da notícia, que é favorável às manifestações pró-*impeachment* da presidente. Nessa perspectiva, observamos que o “compartilhar” funciona como um intertexto na construção do posicionamento de *Anonymous Brasil* e nos permite supor que, apesar da “neutralidade aparente”, a posição da página está alinhada à posição expressa na notícia compartilhada. Não obstante, esse alinhamento da página, à notícia do jornal paulistano, parece ser força motriz de uma polêmica que é travada nos comentários que a publicação recebeu na rede social.

Desse compartilhamento decorre a emergência de três posicionamentos específicos no debate observado através dos comentários em torno da publicação: um, alinhado ao posicionamento da notícia e da página, que defende o *impeachment* da presidente, outro que vitupera a posição da página e da notícia e outro em favor de uma reforma política, sem atribuir à Dilma todos os problemas administrativos que o país enfrenta.

Para exemplificar as relações de intertextualidade que foram identificadas no *corpus* de análise, primeiro precisamos assumir que a discussão decorrente do

---

como foram postados no *Facebook*. Desse modo, podem subsumir “desvios” ortográficos e gramaticais em relação à norma padrão, cuja ocorrência parece representar uma característica da linguagem na Web; característica de textos menos “formais”, como os comentários de rede social.

<sup>5</sup> Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1610208-vem-pra-rua-vai-defender-oficialmente-o-fora-dilma.shtml?cmpid=facefolha> – Acesso em: 04/04/2014

compartilhamento de *Anonymous Brasil* está “localizada” no campo discursivo da política. A partir disso, podemos observar que do interior da FD favorável ao *impeachment*, as relações intertextuais são internas, ou seja, voltadas para a própria memória discursiva do campo político. Exemplificaremos com base nos seguintes exemplos:

- (1) <http://veja.abril.com.br/.../conheca-o-foro-de-sao-paulo.../>  
Conheça o Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil  
O maior inimigo do Brasil e do continente nas...  
VEJA.ABRIL.COM.BR
- (2) (...) em 64 assim como agora em 2015 os Comunistas estão fazendo de tudo para implantar o comunismo no Brasil

Em (1) podemos observar que é introduzido, sob a forma de comentário, um intertexto que veicula uma reportagem publicada pela revista *Veja* (24/03/2015) sobre o “Foro de São Paulo”. Na reportagem<sup>6</sup>, é veiculada a ideia de que Lula, ex-presidente do Brasil e partidário da atual presidente, juntamente a Fidel Castro, este último que é conhecido, sobretudo, por sua participação na Revolução Cubana e sua imagem, geralmente, está associada ao comunismo, criou o chamado “Foro de São Paulo”.

Esse “Foro”, ainda de acordo com a publicação da *Veja*, diz respeito a uma organização política da qual participam todos os governantes esquerdistas do continente americano. Mais que isso, na reportagem, é dito que além da associação de governantes e partidos políticos “legais”, o “Foro” é associado também a organizações criminosas como as “FARC” e o “MIR” chileno.

À maneira de (1), (2) atualiza uma memória discursiva do campo da política brasileira: a luta dos militantes de esquerda contra o “Golpe de 64”, militância, inclusive, da qual participou a atual presidente do país, que é tida por essa FD como comunista. Aparentemente, essa memória é retomada para creditar à imagem do governo petista o status de “criminalidade”. Isso pode ser inferido com base no texto da reportagem de *Veja* trazida ao *Facebook*, por meio de um hipertexto, como comentário. Associar a imagem de Lula e Dilma (como participante da luta contra o “Golpe”) ao “Comunismo”, por meio da associação com Fidel Castro, por exemplo, veicula a ideia

---

<sup>6</sup> Que pode ser acessada em: <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/03/24/conheca-o-foro-de-sao-paulo-o-maior-inimigo-do-brasil/> – Acesso em 29/03/2015.

de que o atual governo é criminoso, assim como, para a FD *pró-impeachment*, aquele regime político que fora instaurado em Cuba também o era.

Em nenhum dos dados que reunimos para esta análise identificamos, a partir do discurso da FD *pró-impeachment*, o funcionamento daquilo que Maingueneau (2008) chama de intertextualidade externa. Tal constatação abre espaço para que façamos uma reflexão: para o posicionamento *pró-impeachment*, somente as informações de dentro do campo da política são relevantes para que se possa discutir sobre a medida de impedimento para o atual governo.

O tom que emerge de (1) e (2) é um tom acusatório/sapiente, que parece defender que se vá às últimas consequências para “derrotar” o mal que o PT (Partido dos Trabalhadores) representa para a organização política da nação. Esse tom faz com que emergja um *ethos*, uma instância enunciativa que atua como o “fiador” desse discurso: trata-se de um *ethos* “sabichão”, que parece fazer valer dados da memória do campo discursivo da política para “combater” o atual e criminoso governo brasileiro; com base nas relações intertextuais e na imagem que emerge do discurso desse posicionamento, é possível inferir que, para ele, somente essa FD pode opinar sobre o cenário e as discussões que se instauraram em torno da política brasileira; por se remeter aos “dados” do campo da política, esse discurso é “autorizado” a falar sobre ela e exigir uma medida como o *impeachment*.

Por outro lado, foi possível identificarmos, no discurso dos sujeitos que se posicionam contra a ideia de *impeachment*, a presença de relações intertextuais externas, como podemos observar no seguinte exemplo:

(3) "Tucanos Apeloes Clube"



Em (3), observamos o brasão do clube de futebol brasileiro Botafogo em que, no lugar da comum estrela dourada central, aparece o símbolo do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), segundo colocado nas eleições presidenciais de 2014, antecedido pelos dizeres “Tucanos Apeloes Clube”. O discurso de (3) opera com a memória discursiva do campo do esporte e retoma o episódio em que o time carioca

Botafogo perdeu a final do Campeonato Estadual de 2007 para o Flamengo e tentou justificar a derrota pelos erros de arbitragem da partida, segundo notícia da seção de esportes do site do *Uol* (05/09/2014). Podemos caracterizar o funcionamento da intertextualidade, nesse exemplo, como externa, já que para “vituperar” a comoção da FD contrária em torno do *impeachment*, esse discurso considera legítimo trazer à tona um evento, como o descrito acima, a partir da memória de um campo fora do qual se insere.

No entanto, os efeitos de sentido que essa intertextualidade externa provoca vão além da mera lembrança da derrota do Botafogo. É possível observar que, ao associar o PSDB ao Botafogo e relacioná-los por meio do termo “apelões”, expressão popular que designa um mau perdedor, o sujeito em (3) constrói um simulacro do discurso rival. De acordo com Maingueneau (2008), o simulacro é próprio da polêmica e visa rebaixar seu adversário por meio de uma “tradução” às avessas que se faz do discurso opositor. Isso é justamente o que acontece nesse exemplo: para o sujeito que enuncia do interior da FD contrária ao *impeachment*, a comoção em torno dessa medida não passa de uma tentativa ilegítima daqueles que foram derrotados; seu Outro não passa de um “mau perdedor” que, à maneira do Botafogo, não cessa o “xororô”, já que tenta deslegitimar o processo democrático que levou à reeleição de Dilma Rousseff.

O simulacro que se criou do discurso da FD pró-*impeachment*, nesse exemplo (3), permite observarmos que o tom desse enunciado é satírico, que vitupera as convicções do adversário. Esse “vitupério” possibilita que um “corpo enunciante” emerja desse discurso dando origem a um *ethos*: como o futebol é comumente associado ao “homem macho”, por meio de estereótipos em nossa sociedade, a relação entre a figura do segundo colocado das eleições ao clube de futebol derrotado no campeonato Carioca faz com que desse discurso emerja um *ethos* “torcedor”, que não tem, aparentemente, pretensão de discutir a política, senão de satirizar e derrotar, por meio de tal estratégia, seu opositor. É como se esse discurso se colocasse “em campo” para “ofender” o torcedor rival de uma partida de futebol.

Em outros dados de nosso *corpus*, percebemos que outra FD parece emergir nesse debate. Para esse terceiro posicionamento, de fato, existem problemas quanto à estrutura política do país, mas, para tal FD, esses problemas não serão resolvidos a partir de uma medida que impeça o governo de terminar o mandato, já que considera todo o sistema e todos os políticos, envolvidos nele, como corruptos. Observemos o seguinte comentário:

- (4) Gente não vou pra rua pra bota pra fora só um ladrão do poder, sendo que a maioria vai ficar. Temos que mostrar que somos conhecedores de nossos direitos e não apenas OPOSIÇÃO . Ser for pra ir a rua pra RETIRAR todos e por uma reforma política que funcione aí sim!

A mobilização pró-*impeachment*, em (4), é deslegitimada, uma vez que, do posicionamento contrário ao *impeachment*, não se trata de “combater” um político e sim todo o sistema que, para o sujeito de (4), é corrupto. Desse modo, “apoiar” as mobilizações pró-*impeachment* é “interpretado” da seguinte maneira por essa FD: uma medida alienada organizada pelo partido derrotado nas eleições presidenciais; uma medida ilegítima, já que o problema de corrupção do país não pode ser resolvido apenas com a retirada da presidente da república, senão de todos os políticos eleitos.

Diferentemente do posicionamento de (3), apesar de não se aliar à posição pró-*impeachment*, da análise de (4) percebemos emergir um tom de militância, ancorado em proposições que “atestam” uma “necessidade” de oposição “real” à estrutura política brasileira como um todo, e não somente a uma figura de tal estrutura. Esse tom de “militância” dá origem a um *ethos* “revolucionário radical”, a um corpo enunciante que somente “vai às ruas” para instaurar uma reforma em torno da política do país.

Operando mais uma vez com a noção de *ethos* de Maingueneau (2008), e ainda com base nos dados reunidos para esta análise, é possível considerar que o próprio *ethos* da página que compartilhou a notícia no *Facebook* se transformou. *Anonymous Brasil* era uma página conhecida por rechaçar qualquer filiação política em torno das manifestações de maio e junho de 2013. No entanto, aparentemente, ao se alinhar à posição pró-*impeachment* que emerge da notícia da *Folha*, parece “autorizar” a atribuição a si de um *ethos* partidário já que, segundo a FD contrária ao *impeachment*, tal medida é fruto de um esforço de um partido político e dos apoiadores desse partido, no caso, o PSDB.

Essa mudança pode ser constada em alguns comentários que o compartilhamento recebeu, vejamos:

- (5) AnonymousBrasil, Conte-me, vocês apoiam impeachment de Dilma?  
(6) Decepção essa página da AnonymousBrasil.

Assim, em decorrência do compartilhamento da notícia da *Folha*, a recepção da publicação na página do *Anonymous Brasil* se transformou: aparentemente, tal página “traiu” os próprios princípios partidários e, por consequência, parte de seus leitores. A atribuição do *ethos* partidário à página decorre, pois, do funcionamento do plano discursivo da intertextualidade, já que a mudança da imagem que se atribuía à *Anonymous Brasil* se transformou em decorrência daquilo que a página assumiu como citável em seu discurso.

### **Considerações finais**

O compartilhamento da notícia da *Folha* na página de *Anonymous Brasil* permitiu que observássemos como está sendo construída uma polêmica em torno do novo panorama político que se instaurou no Brasil após as eleições de 2014. Observamos que existem, pelo menos, três posicionamentos no debate em torno dessa polêmica: um que é favorável ao *impeachment* da presidente reeleita; um que se manifesta vituperando a posição a que se opõe, sem, necessariamente, defender uma solução para os problemas da política nacional (*impeachment*, ou reforma política, por exemplo); e um que se opõe ao *impeachment*, mas defende uma reforma política radical, que transforme todos os poderes que compõem o sistema da democracia brasileira.

Além disso, com base na análise apresentada, podemos postular que a relação entre os diversos planos da discursividade, a intertextualidade e o *ethos*, por exemplo, reforçam a tese de D. Maingueneau de que os discursos são “regidos” por uma semântica global que, de dentro de cada FD, autoriza ou não aquilo que pode ser dito/citado efetivamente.

### **Referências**

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Hipergênero, gênero e internet. In: POSSENTI, S; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de (orgs). *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-138.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 69-92.

PAULINO, G. at. al. *Tipos de texto, modos de leitura*. 2 ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.